

DEZ 23

IDENTIDADES E RACIALIDADES NA MARÉ

EDIÇÃO Nº 01

CADERNO 3

DADOS E DEBATES SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA NA MARÉ

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Identities e racialidades na maré [livro eletrônico] : dados e debates sobre a população negra na Maré / organização Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, Pâmela Carvalho ; coordenação Pâmela Carvalho, Geisa Lino ; curadoria Bia Policicchio. -- Rio de Janeiro : Redes da Maré, 2023.

PDF

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-61382-17-9

1. Comunidades - Rio de Janeiro (RJ)
2. Identidade racial
3. Negros - Brasil - Condições sociais
4. Relações étnico-raciais
5. Relatórios
6. Sociologia I. Associação Redes de Desenvolvimento da Maré. II. Carvalho, Pâmela. III. Lino, Geisa. IV. Policicchio, Bia.

24-188551

CDD-305.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Negros : Identidade social 305.8

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

A REDES DA MARÉ

A Redes da Maré é uma instituição da sociedade civil que atua na Maré há mais de 20 anos. Seu objetivo principal é contribuir para a efetivação de políticas públicas estruturantes que impactem na qualidade de vida dos mais de 140 mil moradores das 16 favelas que compõem a região.

A criação da Redes da Maré foi resultado de um longo processo de comprometimento dos seus fundadores com o movimento comunitário no conjunto de favelas da Maré e na cidade do Rio de Janeiro. A partir da iniciativa de moradores da Maré que acessaram a universidade e/ou compunham movimentos sociais e comunitários, a instituição iniciou suas ações no território, principalmente pautando o acesso ao direito à educação para todos os moradores da Maré.

As ações, pesquisas e reflexões desenvolvidas pela Redes da Maré ao longo de seu percurso nos diferentes campos das políticas sociais pautam-se pelo interesse comum de trabalhar de forma integrada e abrangente, com temáticas relativas à cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, aos seus espaços populares.

Atualmente, a Redes da Maré busca desenvolver projetos dentro de cinco eixos estruturantes:

Arte, Cultura, Memórias e Identidades;

Direitos Urbanos e Socioambientais;

Educação;

Direito à Saúde;

Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça.

E através de equipamentos e projetos transversais:

Casa das Mulheres da Maré;

Maré de Notícias - jornal comunitário.



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
1. DADOS GERAIS E PERFIL RACIAL DOS MORADORES DA MARÉ	
2. GÊNERO E SUAS INTERSEÇÕES	
3. EDUCAÇÃO E INFÂNCIAS	
4. DIREITOS URBANOS E SOCIOAMBIENTAIS	
5. SAÚDE E SUAS INTERSEÇÕES	
6. CULTURA	
7. SEGURANÇA PÚBLICA	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	

ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MNU	Movimento Negro Unificado
OMS	Organização Mundial da Saúde
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

Comungando da metodologia de trabalho da Redes da Maré, surge a Casa Preta da Maré, como projeto em 2019 e como espaço físico em 2023. A Casa Preta da Maré é um espaço de formação teórica-metodológica e política para trabalhar as questões étnico-raciais no Conjunto de Favelas da Maré, incidindo politicamente no Rio de Janeiro e no Brasil.

A Casa Preta da Maré tem como objetivo promover a formação de lideranças negras e a conscientização da população sobre o racismo, bem como tecer redes para a formulação e efetivação de políticas públicas voltadas para a população negra. A Casa oferece cursos, oficinas, palestras, debates e outras atividades que abordam temas como a história da negritude no Brasil, o racismo estrutural, a cultura afro-brasileira e a luta antirracista.

Algumas das atividades realizadas pela Casa Preta da Maré incluem:

Cursos e oficinas sobre temas relacionados à negritude, como história da África e do Brasil, cultura afro-brasileira, racismo estrutural e luta antirracista.

Palestras e debates com especialistas em temas relacionados à negritude.

Projetos de pesquisa sobre temas relacionados à negritude.

Ações de conscientização sobre o racismo, como campanhas e eventos públicos.

Assim, a Casa Preta da Maré se articula com a produção de conhecimento protagonizada por pessoas negras e indígenas, compreendendo que pautar espaços e materiais voltados para a pesquisa, ensino e reflexão contribui para a reeducação das relações raciais. Dessa forma, o eixo Arte, Cultura, Memórias e Identidades, em especial a Casa Preta da Maré, lança os Cadernos Identidades e Racialidades na Maré. A primeira edição do projeto é composta por três publicações: Caderno I - Práticas e experiências racializadas na Maré, Caderno II - Narrativas Originárias e Caderno III - **Dados e Debates sobre a população negra na Maré.**

O terceiro caderno tem como objetivo apresentar dados levantados nos últimos 10 anos em pesquisas, boletins, relatórios e levantamen-

tos realizados pela Redes da Maré e organizações parceiras, que abordam informações relacionadas à população negra no território. Como as pesquisas exploram diferentes bases de dados, esses números não serão cruzados, mas sim apresentados separadamente, com o intuito de traçar um breve e inicial panorama sobre as condições de vida das pessoas negras na Maré. Este material não busca, de forma alguma, esgotar o debate sobre racialidades e dados na Maré, mas sim condensar uma pequena seleção de dados, informações e debates que podem ser úteis para um reconhecimento inicial dessa pauta no Conjunto de Favelas.

Este caderno pretende apontar brevemente algumas pesquisas e debates que contribuem para o aprofundamento da discussão racial na Maré, abordando seis grandes temas: 1. Dados gerais e perfil racial dos moradores da Maré; 2. Gênero e suas interseções; 3. Educação e Infâncias; 4. Direitos Urbanos e Socioambientais; 5. Saúde e suas interseções; 6. Cultura; e 7. Segurança Pública.

Segundo o Censo Populacional da Maré, o Conjunto de Favelas tem 62,1% de moradores negros. Há uma urgência na necessidade de observar suas condições de vida e pautar políticas específicas para atender a essa população.

Sejam bem-vindos ao terceiro caderno
“Identidades e Racialidades na Maré”.

Boa leitura!

1. DADOS GERAIS E PERFIL RACIAL DOS MORADORES DA MARÉ

O Conjunto de Favelas da Maré está localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, em uma área adjacente à Avenida Brasil, cobrindo pouco mais de 4 km². A Maré está posicionada às margens da Baía de Guanabara e é demarcada atualmente pela RJ-071, oficialmente conhecida como Rodovia Expressa Presidente João Goulart, popularmente chamada de Linha Vermelha, e é atravessada pela Linha Amarela e pelo trecho da BR-101 chamado Avenida Brasil. Essas três vias são as principais rotas de acesso à cidade na Zona Norte do Rio de Janeiro. Portanto, qualquer pessoa que entre na cidade e precise se deslocar para a Zona Sul, Centro ou até mesmo para o aeroporto internacional precisa passar pela Maré.

O Censo Populacional da Maré¹, iniciado em 2013, é uma iniciativa realizada pela Redes da Maré em colaboração com o Observatório de Favelas, trazendo dados essenciais para compreender a realidade da Maré. Ao longo do processo, aproximadamente 129 mil residentes foram entrevistados em seus lares por uma equipe de campo composta por 96 profissionais. Mais de 120 moradores participaram ativamente desse trabalho, sendo capacitados por meio de programas de formação. A equipe multidisciplinar incluiu profissionais como geógrafos, economistas, estatísticos, cientistas sociais, assistentes sociais, técnicos em geoprocessamento e técnicos em cartografia, em colaboração com as associações de moradores das 16 favelas que compõem a Maré.

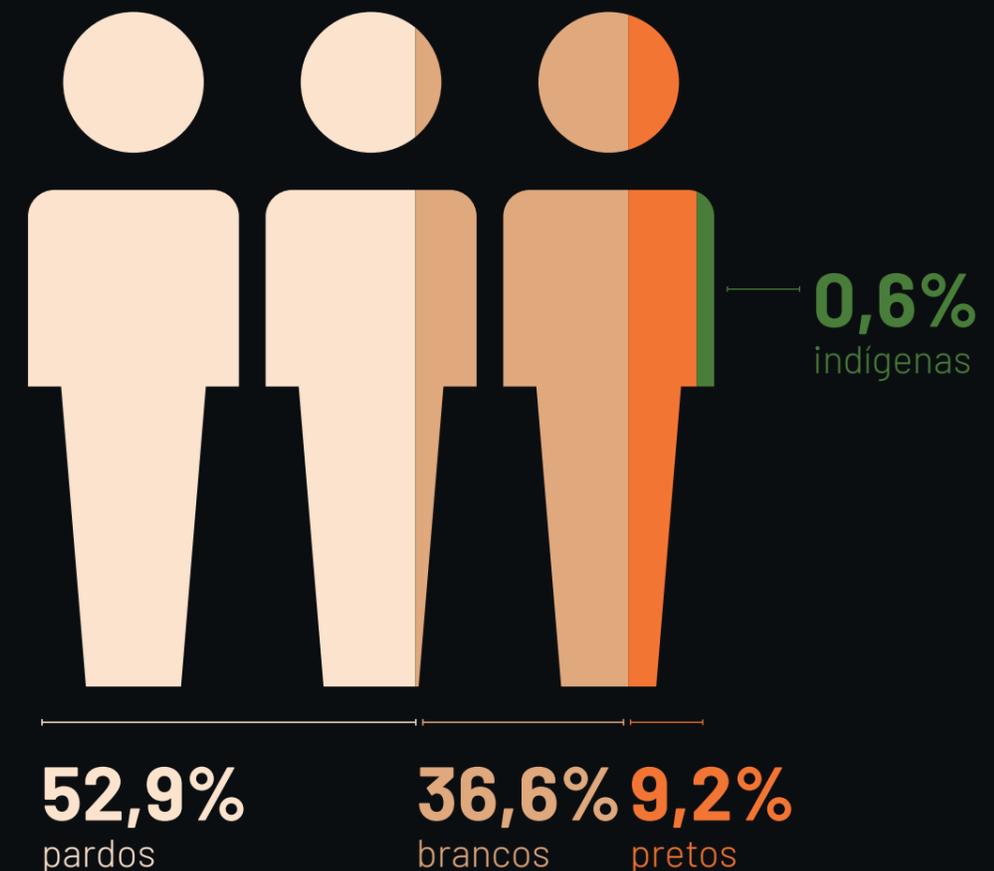
De acordo com o Censo Maré (publicado em 2019), a população da Maré é de 139.073 moradores, distribuídos em 47.758 domicílios. Desse total, 51% são mulheres e 48,9% são homens.

Mais da metade da população é composta por jovens, sendo que 51,9% têm menos de 30 anos. Em contrapartida, a parcela da população com 60 anos ou mais representa apenas 7,4% dos residentes na Maré, o que pode ser resultado das adversas condições de vida enfrentadas por seus moradores ao longo da história.

¹ - Redes da Maré. Censo Maré. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/br/info/12/censo-mare>>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

A população da Maré apresenta marcadores interessantes com relação à sua origem e perfil racial. Segundo dados do Censo Maré, 25,8% da população nasceu no Nordeste do Brasil. O percentual de nordestinos na Maré é maior do que a média da Região Metropolitana do Rio de Janeiro que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2013), tem 9% de população nordestina.

A população negra se destaca no contingente populacional da Maré. Não é incorreto afirmar que o Conjunto de Favelas da Maré é um território negro. Da totalidade de moradores, 52,9% se auto declararam como pardos, 36,6% como brancos e 9,2% como pretos. Ou seja, de acordo com o Censo Maré, 62,1% da população se autodeclara negra (preta ou parda). A Maré também possui 0,6% de moradores indígenas.



Dentre as 16 favelas, aquelas com maior concentração de pessoas pretas são: Nova Holanda, com 18,5%; Nova Maré, com 14,7%; Salsa e Merengue, com 13,0%; e Bento Ribeiro Dantas, com 12,0%.

Quando somamos o quantitativo de pessoas pretas e pardas por favela, as que possuem maior concentração de pessoas negras são: Roquete Pinto, com 70,5% (65,2% de pessoas pardas e 5,3% de pessoas pretas), seguida de Nova Holanda, com 68,6% de pessoas negras (50,1% de pessoas pardas e 18,5% de pessoas pretas). Na sequência, três favelas que possuem 66,2% de moradores negros: Vila dos Pinheiros (57,2% de pessoas pardas e 9% de pessoas pretas), Salsa e Merengue (53,2% de pessoas pardas e 13% de pessoas pretas) e Praia de Ramos (56,7% de pessoas pardas e 9,5% de pessoas pretas).

Analisando o perfil racial dos moradores da Maré por faixa etária, temos que:

Na faixa de 0 a 14 anos: 53,8% são pardos; 36,9% são brancos; 7,4% são pretos; 1,0% são indígenas; 0,6% são amarelos e 0,3% não responderam. Isso totaliza 61,2% de pessoas negras.

Na faixa de 15 a 29 anos: 54,0% são pardos; 36,1% são brancos; 8,8% são pretos; 0,5% são indígenas; 0,5% são amarelos e 0,2% não responderam. Isso totaliza 62,8% de pessoas negras.

Na faixa etária de 30 a 59 anos: 52,5% são pardos; 36,3% são brancos; 10,0% são pretos; 0,5% são indígenas; 0,6% são amarelos e

0,2% não responderam. Isso totaliza 62,5% de pessoas negras.

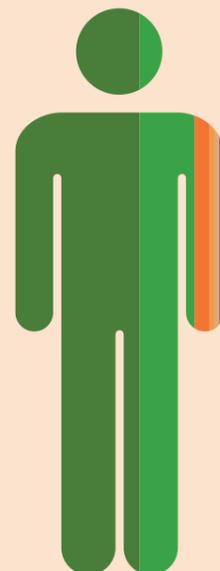
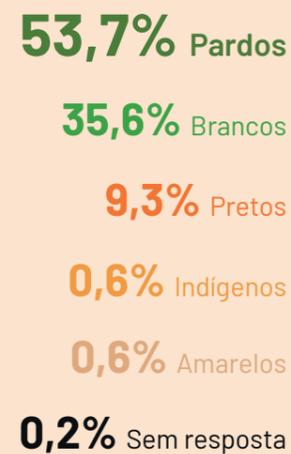
E na faixa etária de 60 anos ou mais: 47,7% são pardos; 39,2% são brancos; 11,8% são pretos; 0,6% são indígenas; 0,6% são amarelos e 0,2% não responderam. Isso totaliza 59,5% de pessoas negras.

2. GÊNERO E SUAS INTERSEÇÕES

Ainda de acordo com dados do Censo Maré, podemos realizar algumas discussões sobre raça e gênero no perfil populacional da Maré.

Entre as mulheres da Maré, 52,2% são pardas, 37,5% são brancas, 9,0% são pretas, 0,6% são indígenas, 0,5% são amarelas e 0,2% não responderam à pesquisa. Ou seja, a Maré tem 62,1% de mulheres negras (pardas e pretas).

Entre os homens, o Censo Maré apresenta 53,7% de homens pardos, 35,6% brancos, 9,3% pretos, 0,6% indígenas, 0,6% amarelos e 0,2% sem resposta. Em relação aos homens, o total de negros é de 63%.



A pesquisa “Práticas de Resistência para enfrentar a Violência de Gênero na Maré, Rio de Janeiro”, realizada em 2022 e liderada pela King’s College London (Departamento de Geografia) e Redes da Maré, em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, People’s Palace Projects, Queen Mary University of London e Museu da Pessoa, também traz dados importantes para pensarmos gênero, raça e violências.

Os dados foram coletados em entrevistas e grupos focais com mulheres moradoras das favelas da Maré, utilizando uma metodologia participativa para investigar práticas de enfrentamento e resistência a violências urbanas de gênero desenvolvidas por mulheres na Maré.

Foram realizadas 32 entrevistas individuais com mulheres residentes na Maré, cinco grupos focais compostos por mulheres previamente entrevistadas, agrupadas por perfis que emergiram nas entrevistas, bem como mulheres (residentes ou diretamente relacionadas à Maré) que atuam na defesa dos direitos humanos. Além disso, foram conduzidas nove entrevistas individuais com mulheres que trabalham em duas iniciativas organizadas após o início da pandemia de COVID-19: a Rede de Apoio a Mulheres da Maré (RAMM) e a Campanha Maré Diz Não ao Coronavírus.

Entre as entrevistadas, 13 pretas, 10 eram brancas, 06 pardas, 01 amarela, 01 indígena e 1 não declarou raça/não sabia.

Destacaremos aqui três relatos de mulheres negras em relação ao debate sobre gênero, raça e violências:

“Aí, fico preocupada com o meu filho que está em casa: ‘Carlos, não sai, se você for na rua bota a sua identidade no bolso’. Porque até os policiais, quando [você] vê, já está [sic] batendo, nem polícia respeita às vezes o morador da favela. Eu fico muito tensa o tempo todo até chegar em casa.”

Paloma, 47 anos, preta (p. 31)

“Bateram de manhã cedo. Eu ainda assustada. Entraram na minha casa, parecendo que estavam drogados, falando alto. [O policial disse] ‘Posso entrar?’. Eu respondi: ‘O senhor já está dentro’. (...) [Ele respondeu] ‘Você é muito abusada. Senão vou dar um soco na sua cara’. (...) Aí foram no meu quarto, olharam [e perguntaram]: ‘Você mora sozinha? Você trabalha?’. Eu falei: ‘Sim, senhor, estava justamente levantando para abrir minha loja, que eu tenho um salão aqui embaixo’. [Ele disse:] ‘Vocês nunca falam nada. Sempre moram sozinhas, sempre são solteiras’”.

Priscila, 50 anos, preta (p.32)

“[Eu precisei] acabar com a minha imagem por causa disso, não ter um cabelo para eu não ser escolhida por esse tipo de assédio. Eu não me visto bem para não ser escolhida por esse tipo de assédio. Eu me pioro muito por causa disso, porque eu tenho medo, eu sei que isso termina em uma péssima violência.”

Celine, 35 anos, preta (p.37)

De acordo com a pesquisa, a maioria das mulheres destacou a violência armada como a principal fonte de medo, ameaça e violência na Maré. Foram ressaltadas as operações policiais frequentes, os elevados níveis de exposição à violência armada, as ameaças à integridade física, as prisões arbitrárias, as execuções sumárias, as invasões domiciliares com destruição de bens, e os abusos verbais e físicos.

Diversos impactos da violência policial foram observados de maneira distinta entre homens e mulheres: enquanto as mulheres são mais propensas a sofrer agressões, assédio e abuso durante operações e invasões domiciliares, os homens, especialmente os jovens negros, enfrentam maior exposição a prisões arbitrárias e ações policiais letais. Muitas mulheres expressaram preocupação ao deixarem seus namorados, parceiros e maridos sozinhos em casa durante operações, assim como em relação às suas crianças circulando pelo território durante confrontos. Especificamente em relação às filhas, as participantes relataram o receio de que as meninas fossem vítimas de agressão sexual e assédio nesses momentos.

A pesquisa “Práticas de Resistência para enfrentar a Violência de Gênero na Maré, Rio de Janeiro” também destaca relações e interse-

ções entre raça, classe, orientação sexual, padrões corporais e práticas religiosas como fatores que influenciam a experiência dessas mulheres na cidade. Muitas delas relataram uma sensação de maior segurança dentro da Maré, compartilhando perspectivas, como a de Joseane, que descreve a favela como um quilombo.

As identidades interseccionais relacionadas à raça, classe, orientação sexual e padrões corporais surgiram nas entrevistas como dimensões de estigma que conferem especificidade e contextualização às experiências de violência.

“Poucos, poucos negros lá [na universidade]. Em relação ao lugar de onde eu vim, a gente não vê muita gente de favela lá - não na [Faculdade de Odontologia] (...) Olhares que a gente vê, os professores olham a gente de forma diferente. Dá para ver. Eles não falam diretamente, mas [fazem] tipo piada assim: ‘nossa, estuda, senão você vai vender churrasquinho na 28 de Setembro [Av. em Vila Isabel]’. (...) Um outro professor chega e fala para uma menina negra que tem na minha sala: ‘você é livre para fazer o que você quiser desde que a Lei Áurea foi assinada.’ Então, a gente vai sofrendo essas coisas e tentando engolir.”

Teresa, 20 anos, preta (p.39)

“Começou com discriminação religiosa (...) A gente sempre tem que usar um fiozinho, (...) mas a minha roupa cobria. Aí uma cliente de salão (...) viu aquele fiozinho no meu pescoço e falou que não ia fazer unha comigo, porque eu era macumbeira.”

Priscila, 50 anos, preta (p.39)

Diante do racismo, as mulheres demonstraram ter adotado atitudes assertivas e francas sobre seu lugar de origem, construindo perspectivas alternativas sobre a favela. Embora sejam ações ou respostas de longo prazo, a pesquisa reconhece o potencial das respostas e denúncias feitas pelas entrevistadas em gerar efeitos a longo prazo.

Outra obra que aborda as interseções entre raça e gênero é o livro “Toda Menina na Escola”, resultante do projeto de mesmo nome, conduzido pela Redes da Maré com o apoio do Fundo Malala, desenvolvido entre abril de 2020 e maio de 2023. Seu principal propósito foi contribuir para garantir o acesso e a permanência na educação formal de meninas com idades entre 5 e 20 anos, residentes no Conjunto de

Favelas da Maré, e também para promover a oferta de uma educação fundamentada na igualdade de gênero e no combate ao racismo.

A metodologia adotada fundamentou-se em seis estratégias, desdobradas em ações específicas: i. busca ativa; ii. realização de atividades formativas com equipes pedagógicas e estudantes sobre gênero, raça e identidade; iii. articulação com instituições locais e equipamentos públicos nas áreas de educação, saúde, assistência social e cultura; iv. ações de mobilização comunitária para sensibilização sobre o direito à educação; v. incidência política para garantir vagas para estudantes nas escolas públicas da Maré; e vi. produção e sistematização de dados sobre crianças e adolescentes infrequentes ou fora da escola na Maré.

Nos últimos 20 anos, a Maré viu o aumento de 19 para 50 escolas públicas (46 municipais e 4 estaduais), atendendo a mais de 20 mil estudantes. No entanto, mesmo com esse crescimento, o projeto identificou 860 meninas fora da escola ou infrequentes por meio das ações de busca ativa.

As 860 meninas inscritas e acompanhadas pelo projeto “Toda Menina na Escola” encontravam-se na faixa etária de 5 a 20 anos, com 55,5% delas situadas entre 13 e 15 anos. A grande maioria (94,1%) nasceu no Rio de Janeiro, todas residentes em uma das 16 favelas da Maré. A distribuição mostra que a maior parte delas (22,6%) reside na Nova Holanda, seguida por Vila do João (14,9%), Vila dos Pinheiros (14,5%), Parque Maré (11%) e Salsa e Merengue (10,9%). Quanto à autodeclaração racial, 60,2% se identificam como pardas, 19,8% como pretas e 20% como brancas. No momento do cadastro, 80% (688) não frequentavam a escola regularmente, enquanto 20% (172) estavam totalmente ausentes. Das meninas fora da escola (total ou parcialmente), 80% são negras.

Os principais motivos de evasão ou ausência escolar mapeados foram:



40,5%

ausência ou dificuldade de acesso à internet



37,6%

carência de dispositivo eletrônico (computador, celular e tablet)



24,7%

dificuldade em acessar e/ou realizar atividades remotas



12,6%

famílias em situação de pobreza (ausência de renda e recursos)



11%

carência de vaga em escola próxima



8,7%

indisponibilidade de vaga na escola desejada



7,6%

escassez de oferta de vagas

3. EDUCAÇÃO E INFÂNCIAS

Certamente, a educação desempenha um papel crucial em análises sociais e é um marcador significativo para considerarmos as desigualdades raciais.

A pesquisa “Covid-19 e o acesso à educação nas 16 favelas da Maré: impactos nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio”, realizada pela Redes da Maré, no escopo do eixo Direito à Educação, com o apoio do Instituto Unibanco, procurou aprofundar a compreensão dos impactos da pandemia na comunidade escolar da Maré como um todo. Os dados evidenciaram os efeitos dramáticos da pandemia na vida escolar de toda uma geração de estudantes mareenses, bem como de seus professores e familiares.

O estudo foi conduzido em duas fases. Na primeira, foram realizadas 89 entrevistas semiestruturadas entre maio e junho de 2021, envolvendo a comunidade escolar de 18 escolas: 14 da rede municipal (cinco voltadas para os anos finais do Ensino Fundamental, cinco para os anos iniciais até o 6º ano do Ensino Fundamental e quatro dedicadas à Educação de Jovens e Adultos) e 4 vinculadas à rede estadual (abrangendo Ensino Médio Regular e Técnico). Participaram da pesquisa dois gestores da área educacional do município e do estado, 18 diretores, 15 coordenadores pedagógicos, 24 professores, 14 pais/familiares/responsáveis de alunos e 16 estudantes.

Na segunda etapa, realizada entre agosto e setembro de 2021, foram distribuídos 832 questionários entre alunos, responsáveis e profissionais de educação que atuavam em 13 escolas: nove pertencentes à rede municipal, sendo cinco voltadas para os anos finais e quatro para a Educação de Jovens e Adultos; e quatro vinculadas à rede estadual, oferecendo atendimento no Ensino Médio.

Um dos pontos destacados foi a percepção de que os estudantes experimentaram uma perda de dois anos de aprendizagem.



Quase três em cada quatro estudantes relataram ter **aprendido pouco (48%)** ou **nada (26%)**, totalizando 74%



Mais da metade deles (57%) afirmou que sua vontade de estudar durante a pandemia diminuiu, sendo 33% uma diminuição e 24% uma diminuição considerável.

Dificuldades de adaptação ao ensino remoto (35%) e problemas de aprendizagem (28%) foram citados como motivos significativos.

Em relação à saúde mental, 41% dos estudantes indicaram ter sofrido algum tipo de sofrimento psíquico. A pesquisa revelou que 38% não conseguiram acompanhar as atividades remotas, sendo a principal razão a dificuldade em entender o que deveria ser feito. Segundo a pesquisa, 87% dos profissionais de educação observaram que menos da metade dos estudantes aderiram às atividades remotas.

O estudo ressaltou a relação positiva dos estudantes com a escola, destacando a importância do retorno às aulas presenciais, que ocorreu apenas no final de 2021. Os resultados indicaram que 53% dos estudantes se sentiam queridos, 71% negaram sentir solidão, 57,5% se consideravam seguros na escola, e 63% acreditavam que faziam amigos com facilidade.

A grande maioria dos 630 estudantes entrevistados tinha idades entre 11 e 21 anos (92%) e estava matriculada em turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Ensino Fundamental e Médio. A maioria dos alunos se identificou como pardos (45,7%) ou pretos (24,9%), enquanto a distribuição por gênero foi bastante equitativa, com 51% dos entrevistados do sexo masculino e 49% do sexo feminino.

Oitenta por cento dos responsáveis pelos estudantes se autodeclararam pretos (28%) e pardos (51%), totalizando 79%. Os restantes 21% se autodeclararam brancos. Em relação à escolaridade, seis em cada dez não prosseguiram os estudos além do Ensino Fundamental, e 64% afirmaram ter três filhos ou mais.

Com relação aos professores, dos 101 profissionais entrevistados, apenas 17 residiam na Maré, enquanto 84 residiam em outros bairros. Todos eram professores e coordenadores pedagógicos, sendo a maioria (71%) pertencente à rede municipal de ensino, enquanto os demais 29% atuavam na rede estadual. Predominantemente do sexo masculino (53,5%), 41% desses profissionais se autodeclararam como brancos, representando quase o dobro do percentual de pais e responsáveis da mesma cor, que era de 21%. O percentual de profissionais autodeclarados como negros (pretos e pardos) foi de 55%.

A partir desses dados, torna-se evidente que o impacto da pandemia na educação de crianças e jovens negros da Maré foi significativo.

A publicação “Primeira Infância nas Favelas da Maré: Acesso a Direitos e Práticas de Cuidado” enriqueceu o debate. O projeto tem como meta criar oportunidades e condições para ampliar os direitos das crianças de 0 a 6 anos, ao mesmo tempo que identifica, compreende e fortalece práticas de cuidado e atenção, envolvendo as famílias da Maré. A ideia central é abordar as violações de direitos e explorar estratégias para garantir o acesso a esses direitos com qualidade.

Desde fevereiro de 2021, a equipe do projeto tem conduzido uma pesquisa com famílias que possuem crianças de 0 a 6 anos. O trabalho de campo incluiu a coleta de dados quantitativos e qualitativos, totalizando aproximadamente 2.000 entrevistas realizadas com famílias que têm crianças na primeira infância nas 16 favelas da Maré. Esse processo ocorreu entre junho de 2021 e abril de 2022. Cinco áreas de pesquisa e ação foram delineadas para a elaboração do diagnóstico, possibilitando intervenções que surgiram a partir da abordagem da pesquisa participante: a) frente de diagnóstico domiciliar, b) frente de diagnóstico junto à rede de proteção social: conectando pontos, c) frente de acompanhamento sistemático de famílias, d) frente de formação continuada dos colaboradores: crescendo juntos e e) incidência política, uma voz para a mudança.

No total, foram aplicados 2.144 questionários durante entrevistas domiciliares com responsáveis por 3.837 crianças de até 12 anos na Maré, sendo 2.796 dessas crianças com idades entre 0 e 6 anos. Esses dados formam uma amostra representativa da região e contribuem para a compreensão das condições geopolíticas que afetam as famílias e as crianças na primeira infância.

Dos respondentes da pesquisa, 94% são mulheres, das quais 83% são mães das crianças em primeira infância, e 17% são avós. Entre elas, 51,3% declararam cor parda, 24,8% cor branca e 23,1% cor preta. A maioria (32,9%) possui Ensino Fundamental completo, seguida por 31,4% com Ensino Fundamental incompleto. Apenas 1,7% dessas mulheres têm Ensino Superior completo. A análise da amostra da pesquisa “Primeira Infância nas Favelas da Maré: Acesso a Direitos e Práticas de Cuidado” revela que os cuidados familiares em relação às crianças na primeira infância têm sido predominantemente assumidos por mulheres negras (74,4%, segundo a pesquisa).

Em 74,4% das famílias as crianças na primeira infância têm sido cuidadas por **mulheres negras**



4. DIREITOS URBANOS E SOCIOAMBIENTAIS

Desde março de 2023, o projeto Respira Maré, no contexto dos eixos Direitos Urbanos e Socioambientais, bem como Direito à Saúde da Redes da Maré, tem realizado uma série de diagnósticos sobre a qualidade do ar. Isso inclui a identificação de ilhas de calor e a observação dos impactos na saúde dos residentes da Maré.

A Maré está posicionada entre as três principais vias de acesso da cidade do Rio de Janeiro (a Linha Vermelha, a Linha Amarela e a Avenida Brasil), o que a torna suscetível a uma intensa poluição atmosférica. Além do tráfego de veículos, a Maré encontra-se a apenas 14 km da Refinaria Duque de Caxias (Reduc), uma das maiores do Brasil em capacidade instalada de refino de petróleo e uma das principais fontes de poluição atmosférica na região metropolitana.

Relacionada a essa problemática, a Maré possui poucas áreas verdes, como o Parque Municipal Ecológico Cadu Barcellos e a Vila Olímpica da Maré, que desempenham um papel crucial no controle da temperatura local. A ausência dessas áreas no território contribui para o aumento do calor excessivo, resultando na formação das conhecidas “ilhas de calor”, em meio à tendência global de aquecimento.

O Relatório “Respira Maré: Diagnóstico sobre ilhas de calor e qualidade do ar nas 16 favelas da Maré” (REDES DA MARÉ, 2023) indica que o ponto mais quente da Maré está localizado na esquina entre a Tancredo Neves e a Rua B, próximo à Vila Olímpica, na favela Nova Maré.

Algumas características urbanas podem ajudar a explicar essa variação. Por exemplo, espaços mais abertos e próximos a corpos d’água, como o Piscinão de Ramos, geralmente apresentam temperaturas mais baixas devido à maior presença de sombras. O mesmo se observa em determinadas ruas da Nova Holanda ou em áreas mais arborizadas, como a praça no final da Ari Leão, no Parque União. Por outro lado, regiões mais densamente construídas, com acúmulo de materiais que retêm calor, como asfalto, concreto e tijolo exposto, e com pouca cobertura vegetal e sombreamento, costumam registrar temperaturas mais elevadas.

O ponto mais seco, com menor umidade no ar, é identificado no cruzamento da Rua Capitão Carlos com a Rua das Oliveiras, na favela Baixa do Sapateiro. A umidade relativa do ar indica a quantidade de vapor d’água presente no ar em relação à máxima quantidade que o ar poderia conter a uma determinada temperatura. Este é um parâmetro que exerce influência direta no conforto e na qualidade de vida cotidiana. Em ambientes com baixa umidade relativa, a atmosfera tende a ficar mais seca e desconfortável. Nessas condições, o ar seco pode provocar desconforto respiratório, irritação nos olhos, ressecamento da pele, aumento da sede e tornar as vias respiratórias mais susceptíveis a infecções, agravando os sintomas de pessoas com doenças respiratórias, como a asma.

Na Nova Maré, 61,4% dos moradores são negros, enquanto 37,4% são brancos. Na favela Baixa do Sapateiro, a população negra representa 55%, e a população branca é de 43,1%. Nota-se que as condições mais delicadas em relação às ilhas de calor e qualidade do ar estão presentes em duas regiões que apresentam uma maior concentração de pessoas negras em comparação com pessoas brancas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REDES DA MARÉ. **Respira Maré**. Diagnóstico sobre ilhas de calor e qualidade do ar nas 16 favelas da Maré. 2023. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RespiraMareRelatorio.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

5. SAÚDE E SUAS INTERSEÇÕES

Em termos gerais, segundo os registros das unidades de saúde, as sete instalações de atendimento na Maré atendem a 141.042 residentes. Destes, 19,38% buscam assistência na Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva, localizada na Nova Holanda; 18,27% recebem atendimento no Centro Municipal da Vila do João; 15,31% procuram assistência na Clínica da Família Diniz Batista dos Santos, que atende os moradores do Parque União; 14,81% são assistidos no Centro Municipal de Saúde Américo Veloso (Praia de Ramos); 14,48% na Clínica da Família Adib Jatene (Vila dos Pinheiros); 11,95% recorrem à Clínica da Família Augusto Boal, localizada entre o Morro do Timbau e a Baixa do Sapateiro; e 5,79% utilizam os serviços do Centro Municipal de Saúde João Cândido, que atende à população de Marcílio Dias. Esses dados são provenientes da 40ª edição do “Boletim Conexão Saúde - De olho no Corona”. O projeto “Conexão Saúde” originou-se da campanha “Maré diz NÃO ao coronavírus”, promovida pela Redes da Maré em 2020, oferecendo testagem gratuita, telemedicina e implementação de isolamento domiciliar seguro no território, em parceria com a Fiocruz, Dados do Bem, SAS Brasil, Conselho Comunitário de Manguinhos e União Rio.

De acordo com o Boletim, as mulheres representam 56%, enquanto os homens correspondem a 44% dos atendidos pelas unidades de saúde. Quanto à faixa etária, observa-se a seguinte distribuição: 25,18% são menores de 18 anos, 2,79% têm entre 18 e 19 anos, 18,03% têm entre 20 e 29 anos, 16,33% têm entre 30 e 39 anos, 13,98% têm entre 40 e 49 anos, 10,55% têm entre 50 e 59 anos, e 13,14% têm 60 anos ou mais. No que diz respeito ao perfil racial, 65% dos moradores com cadastro nas unidades de saúde se declaram pretos ou pardos. Percebe-se que os dados seguem, em grande medida, as proporções da população geral da Maré indicadas pelo Censo Populacional.

A pesquisa “Construindo Pontes: Uma investigação sobre saúde mental, violência, cultura e resiliência na Maré” (REDES DA MARÉ, 2020) também contribui para a reflexão sobre saúde e questões raciais, especialmente no campo da saúde mental. Realizada entre 2018 e 2020, a pesquisa se dedicou à mensuração e análise do im-

pacto da violência na saúde dos residentes de áreas populares. Além disso, representa uma investigação sobre como os moradores da Maré consomem cultura e cultivam resiliência, ou seja, a capacidade de reagir de forma positiva diante de traumas e desafios.

A iniciativa resulta de uma colaboração entre a Redes da Maré; o People’s Palace Projects, centro de pesquisa da Universidade Queen Mary de Londres; a Escola de Serviço Social e o Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e o Núcleo de Estudos em Economia da Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Metodologicamente, a equipe do projeto dividiu as 16 favelas da Maré em três grupos, delimitados por características urbanísticas, habitacionais e diferentes regimes de domínio de grupos armados. Em cada um dos três territórios, aproximadamente 400 domicílios foram aleatoriamente selecionados para compor uma amostra representativa da população da Maré. Cada uma dessas residências recebeu uma visita de um pesquisador da equipe, e em cada casa, um membro da família com mais de 18 anos foi escolhido aleatoriamente para responder ao questionário. No total, foram entrevistadas 1.211 pessoas.

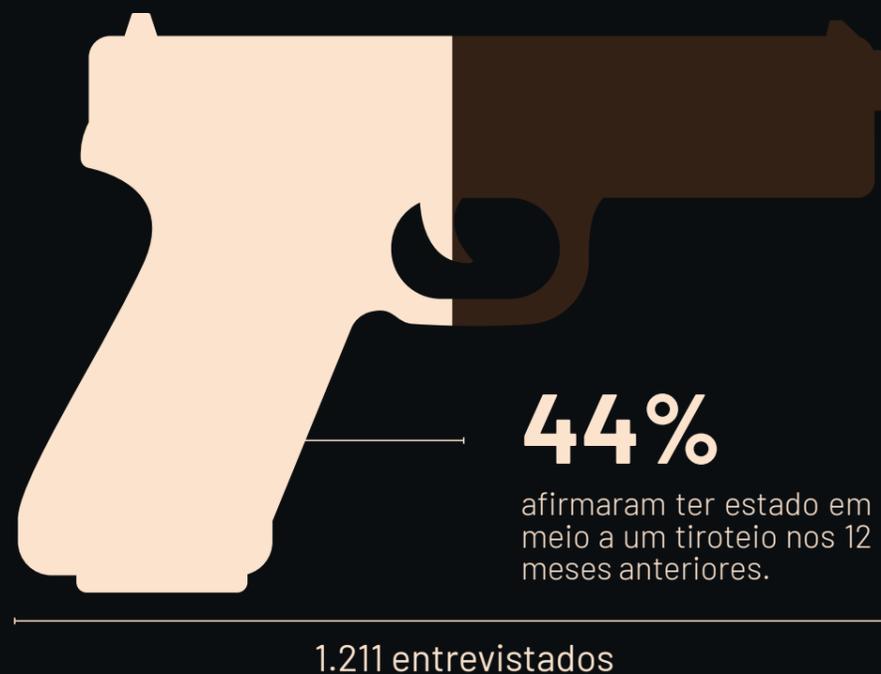
O levantamento revelou uma variação significativa nos percentuais de autodeclaração de pessoas como pretas e pardas em comparação com o Censo Populacional da Maré realizado em 2013. Na época do censo, os pardos representavam 52% da população adulta, enquanto os pretos eram 9%. Em contraste, em 2019, durante a pesquisa domiciliar do projeto Construindo Pontes, 20% dos adultos da Maré declararam-se pretos, e 45,8% afirmaram ser pardos. Esses dados são fundamentais e podem indicar tendências futuras no perfil racial da Maré, destacando a importância de políticas públicas voltadas para as populações negras.

Ao analisar o perfil dos entrevistados, observa-se que 51,3% eram homens, enquanto 48,7% eram mulheres. Quanto à faixa etária, 30,1% tinham entre 18 e 29 anos, 45,2% estavam na faixa de 30 a 49 anos, e 17,5% tinham entre 50 e 65 anos. Além disso, vale ressaltar que uma parcela significativa, correspondente a 6,3%, se encontrava em situação de analfabetismo.

No que diz respeito às violências enfrentadas e seus impactos na saúde mental dos residentes da Maré, especialmente os negros, os dados e relatos revelam uma realidade alarmante. Dos 1.211 entrevistados, 44% afirmaram ter estado em meio a um tiroteio nos 12 meses anteriores. Considerando essa amostra, estima-se que aproximadamente 44 mil moradores tenham vivenciado essa situação no mesmo período. Notavelmente, 73% daqueles que estiveram envolvidos em confrontos armados passaram por essa experiência mais de uma vez, totalizando 32% da população adulta. Ao abordar aqueles que presenciaram tiroteios, observamos o seguinte cenário:

53% eram homens e 47% mulheres.

46% eram negros (pretos e pardos) e 39% brancos.



Durante a pesquisa, os principais medos relatados foram:

De alguém próximo ser atingido por bala perdida (55,6% relataram este medo);

De ser atingido por bala perdida (50,2% relataram este medo);

De alguém próximo sofrer agressão física ou verbal dentro da Maré (33,7% relataram este medo).

Os impactos dos dados mencionados refletem-se diretamente na saúde. Cerca de um quinto da população (20%) acredita que o contexto de violência na Maré afeta sua saúde física, enquanto 31% percebem prejuízos à saúde mental e emocional devido à violência. Aqueles diretamente expostos a situações violentas relatam danos com maior frequência: entre os que estiveram em meio a tiroteios, 44% acreditam que sua saúde mental foi prejudicada, e 29% percebem efeitos na saúde física. Em comparação, para aqueles que não passaram por essa situação, os percentuais foram de 21% e 12,5%, respectivamente.

A pesquisa também revelou que 26,5% da população já enfrentou algum tipo de prejuízo em suas atividades profissionais, educacionais ou acadêmicas devido a situações de violência na Maré. Daqueles que relataram ter vivenciado tal situação, 84% passaram por isso mais de uma vez.

Uma parcela de 5,5% dos moradores sofreu discriminação, preconceito ou racismo dentro da Maré. Adicionalmente, 5% relataram que algum familiar foi vítima dessa violação.

Construindo Pontes analisa ainda como a violência armada impacta a vida de frequentadores de cenas de uso de drogas. Nestes espaços, sobressai o gênero masculino, representando 71,5% dos usuários. Destaca-se também a predominância da cor preta, que abrange 48,7% deste grupo, em comparação com 13,7% de brancos. A faixa etária de 18 a 40 anos abrange 75% dos entrevistados, e 64% possuem Ensino Fundamental incompleto ou menos escolaridade. Notavelmente, quase 90% dos entrevistados estavam em situação de rua. 28,4% das pessoas presentes nas cenas de uso da Maré já foram vítimas de discriminação ou preconceito (racismo, homofobia, misoginia). Adicionalmente, 67% delas já estiveram em meio a um tiroteio na Maré.

Os dados mostram como as cenas de uso de drogas e das pessoas em situação de rua têm rosto, raça e gênero. São predominantemente homens, pretos, jovens e adultos.

Os estudos realizados pelo projeto Construindo Pontes evidenciam que a violência armada tem efeitos danosos sobre a população. Além disso, a violência dificulta o acesso a serviços essenciais, como educação, saúde e moradia. Observa-se também que pessoas negras presenciam ou vivenciam mais situações de violência na Maré do que pessoas brancas.

A fome também é fator determinante nas condições de saúde da população negra na Maré. O Projeto Maré Sem Fome² atendeu 6 mil famílias (cerca de 24 mil pessoas) da Maré em situação de insegurança alimentar. Dessas famílias, 84,5% são lideradas por mulheres. Além disso, 68,2% das famílias não tinham nenhuma pessoa empregada, 70,6% são compostas por pessoas pretas ou pardas, e em 49,1% das famílias, pelo menos um morador possui uma doença crônica.

As doenças cardíacas e cardiovasculares infelizmente são uma realidade na vida de muitas famílias negras. A “Cartilha sobre o coração: saúde da população negra da Maré” é uma parceria entre o eixo Direito à Saúde e a Casa Preta da Maré, com o objetivo de facilitar o acesso a informações e recursos para pacientes diagnosticados com insuficiência cardíaca ou que integram grupos de risco para a doença, como hipertensos e diabéticos. O projeto visa incentivar esses usuários e suas famílias a desempenhar um papel ativo em seus tratamentos, bem como na elaboração de políticas e ações para aprimorar o cuidado e a assistência em toda a extensão do Conjunto de Favelas da Maré.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REDES DA MARÉ. **Respira Maré**. Diagnóstico sobre ilhas de calor e qualidade do ar nas 16 favelas da Maré. 2023. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RespiraMare-Relatorio.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2023.

² - Saiba mais em: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/81/mare-sem-fome>.

6. CULTURA

A pesquisa “Construindo Pontes” destacou que 71% da população adulta da Maré tinha conhecimento de pelo menos um espaço de arte e cultura no território, sendo que 45% conseguiram citar dois ou mais desses locais. Os lugares mais mencionados pelos entrevistados incluíram o Museu da Maré, a Vila Olímpica da Maré, a Lona Cultural e o Centro de Artes da Maré.

No entanto, em 75% dessas respostas, embora as pessoas tivessem conhecimento dos locais, não os haviam frequentado nos últimos três meses. Além disso, em 7% dos espaços mencionados, a frequência era inferior a uma vez por mês. Assim, apenas em 18% das respostas, os moradores aproveitavam os equipamentos culturais que conheciam pelo menos uma vez por mês ou com maior frequência.

Além desse levantamento, o estudo analisou o consumo cultural na Maré, dividindo as atividades em externas e internas. As atividades externas incluíram: ouvir música ao vivo, ir ao teatro, fotografar, cantar/dançar, visitar museus e ir ao cinema. Já as atividades internas compreenderam: assistir à televisão, ouvir música pela internet, ouvir música por outros meios (rádio, CD e vinil), pintar, escrever, ler livros físicos e/ou digitais, assistir a filmes e séries pela internet, e assistir a filmes por outros meios (DVD e televisão).

Dentre as atividades realizadas internamente (dentro da residência), destacaram-se “assistir televisão”, “ouvir música na Internet”, “ver vídeos na Internet” e “assistir filmes e séries na Internet”. Em ambientes externos, as atividades mais frequentes foram fotografar, assistir a shows musicais ao vivo, dançar e cantar/tocar algum instrumento.

Aprofundando a reflexão sobre cultura e aproximando questões raciais no território da Maré, a pesquisa “Marégrafia: Cartografia das Artes e Artistas na Maré” (REDES DA MARÉ, 2021) pode ser um valioso contributo. Em outubro de 2020, a iniciativa “Maré que Queremos”, da Redes da Maré, lançou uma chamada pública para selecionar 17 colaboradores, visando um trabalho cooperativo. O objetivo era realizar três ações que contribuíssem para aumentar o conhecimento sobre as condições de vida nas favelas da Maré, além de criar possibilidades para projetos com impacto concre-

to na região. Uma das ações - Marégrafia - derivada da chamada surgiu de uma percepção institucional intensificada durante a pandemia de COVID-19: a importância de realizar ações que apoiassem artistas locais e contribuíssem para maior visibilidade de suas narrativas e produções.

Desenvolvido no contexto do eixo "Arte, Cultura, Memórias e Identidades" e do Núcleo de Memórias e Identidades da Maré (NUMIM), o projeto envolveu reuniões semanais da equipe para definir metodologias, objetivos e instrumentos, além de avaliar o andamento da pesquisa. A equipe era composta por uma coordenadora, um mentor e seis colaboradores selecionados por meio da chamada pública "A Maré Que Queremos", com o apoio da Fundação Ford.

No período entre 8 de dezembro de 2020 e 1º de fevereiro de 2021, os pesquisadores distribuíram formulários desenvolvidos durante as reuniões para artistas, coletivos e espaços culturais na Maré. O principal propósito era estabelecer um diálogo abrangente sobre a dinâmica da arte e da cultura na região, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Além disso, um grupo focal composto por sete participantes foi conduzido e monitorado para aprofundar as narrativas relacionadas à prática artística dos envolvidos.

Foram recebidas 86 respostas ao formulário de pesquisa, sendo 70 provenientes de artistas individuais e produtores culturais da Maré, 12 de coletivos e 4 de equipamentos culturais. A pesquisa apresentou dados quantitativos com base nessas respostas, além de incorporar uma abordagem qualitativa por meio das biografias de artistas, coletivos e equipamentos culturais, incluindo aqueles que não preencheram o formulário. Desta maneira, 30 artistas, coletivos e equipamentos contribuíram apenas com suas biografias e fotos, não sendo incluídos nos dados e gráficos. Essas contribuições se distribuíram da seguinte forma: 18 artistas ou produtores, 5 coletivos e 7 equipamentos.

Analisando o perfil dos "fazedores de arte e cultura" que contribuíram para a etapa quantitativa da pesquisa, 60% se identificam como homens cisgênero. 31,4% são mulheres cisgênero. 2,9% se declararam como pessoas não binárias. 1,4% são mulheres trans. 1,4% são mulheres não binárias, e 2,9% preferiram não informar.

No que diz respeito à orientação sexual, 43,47% dos artistas e produtores se declararam heterossexuais. 23,18% se identificaram como gays, enquanto 20,28% se identificaram como bissexuais. 5,79% declararam ser lésbicas, 1,44% se identificaram como bixa, 1,44% não souberam informar, e 4,34% preferiram não responder.

No que diz respeito à renda individual, 36,26% dos artistas recebem entre R\$ 1.045,00 e R\$ 2.090,00 mensais. 28,98% recebem até R\$ 522,50. 15,94% preferiram não informar. 11,59% não possuem renda. 7,24% recebem entre R\$ 2.612,00 e R\$ 3.657,00, e 1,44% recebem mais de R\$ 3.657,00.



36,26% dos artistas recebem entre **R\$1.045,00** e **R\$2.090,00** mensais

29,98% dos artistas recebem até **R\$522,50**

11,59% não recebem renda

7,24% dos artistas recebem entre **R\$2.612,00** e **R\$ 3.657,00**

1,44% dos artistas recebem mais de **R\$ 3.657,00**

Com relação à cor e raça, 71,01% dos artistas ou produtores culturais da Maré se autodeclararam negros (sendo 59,42% pretos e cerca de 11,59% pardos). 11,59% dos entrevistados são indígenas, e 1,44% se declaram afroindígenas.

Os dados apresentados na pesquisa “Marégrafia” levantam várias questões sobre a realidade do cenário cultural e artístico na Maré. Observa-se a predominância da população preta, parda e indígena no contexto artístico do território, representando mais de 80% dos artistas mareenses que participaram da pesquisa. Isso sugere que, entre os artistas que responderam ao formulário, há um predomínio de populações racializadas ou não brancas. Nesse sentido, é possível começar a conceber a Maré como um território de expressão artística majoritariamente negra, indígena e afroindígena, alinhando-se aos dados do Censo Maré, que indica 62,1% da população como negra (pretos e pardos).

Ao analisar as respostas do grupo focal realizado na pesquisa, observa-se uma recorrência de relatos que enfatizam a arte como um mecanismo de sobrevivência, contribuindo para a manutenção da saúde mental e expressando indignação diante das situações do cotidiano. É notável que as pessoas racializadas (pretas, pardas, indígenas, afroindígenas) sejam os sujeitos que lutam para ressignificar experiências de violência no território por meio da arte.

Outro dado relevante é que mais de 40% do público entrevistado não possui renda ou recebe até meio salário mínimo. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), pretos e pardos representam 76,7% das pessoas que vivem em extrema pobreza no Brasil. Essas estatísticas destacam a urgência de políticas públicas destinadas a uma distribuição mais equitativa de renda e ações afirmativas, visando erradicar ou reduzir as disparidades significativas entre pessoas brancas e negras no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REDES DA MARÉ. **Marégrafia**. Cartografia das artes e artistas na Maré. 2021. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/Maregrafia_.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

7. SEGURANÇA PÚBLICA

As políticas de segurança pública impactam de maneira desigual as pessoas negras que residem nas favelas do Rio de Janeiro. Um exemplo contundente desses efeitos é a violência policial, que atinge de forma desproporcional a população negra no Brasil. Conforme os resultados da pesquisa “Pele Alvo: A cor que a polícia apaga”, realizada pela Rede de Observatórios de Segurança e divulgada em 2022, a cada nove horas, a polícia do Rio de Janeiro tira a vida de uma pessoa negra. No ano de 2021, das 1.214 vítimas fatais causadas pela polícia no Rio de Janeiro, 87,3% eram pessoas negras. Esses dados evidenciam a urgência de abordar e reformular as práticas de segurança pública, buscando equidade e justiça para toda a população.

Um exemplo adicional é a criminalização da pobreza, que afeta de maneira significativa as pessoas negras residentes em favelas. Essa população é frequentemente alvo de estigmatização e criminalização devido à associação estereotipada entre favelas, violência e crime, mesmo quando a maioria dos moradores dessas áreas não está envolvida em atividades ilícitas. Essa estigmatização é um reflexo do racismo estrutural, que perpetua preconceitos e injustiças sistêmicas.

Desde 2016, a Redes da Maré, por meio do eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça, tem desenvolvido de maneira contínua o projeto “De Olho na Maré”. Essa iniciativa tem como objetivo principal coletar e organizar informações sobre situações de violência nas 16 comunidades da Maré, com foco especial em conflitos armados relacionados à atual política de drogas e segurança pública no país. O resultado desse esforço é o Boletim Direito à Segurança Pública na Maré.

Assim, o Boletim Direito à Segurança Pública na Maré compila, anualmente, dados inéditos sobre a violência armada na Maré. O monitoramento diário ao longo dos últimos anos evidencia os diversos impactos resultantes da ação ou omissão do Estado na Maré, destacando o cenário de insegurança urbana gerado por um modelo de segurança pública baseado em confrontos, prevalente no Rio de Janeiro. Esse modelo submete os residentes de favelas e periferias a condições extremas de injustiça, negação de direitos, invisibilidade, medo e sofrimento.

O primeiro boletim (REDES DA MARÉ, 2016) apontou que em 2016 ocorreram 33 operações policiais, uma média de 1 operação a cada 11 dias. Durante essas operações, os serviços públicos, como saúde e educação, foram suspensos por 20 dias. Em média, a cada 21 dias, uma pessoa morreu por intervenção policial na Maré em 2016. A cada duas operações policiais na Maré, ocorreu uma morte. A taxa de letalidade resultante das ações policiais na Maré em 2016 foi oito vezes superior à média nacional e três vezes superior à média do Estado do Rio de Janeiro em 2015.

O segundo boletim revelou que em 2017 ocorreram 41 operações policiais na Maré, representando uma média de 1 operação a cada 8 dias. Durante essas operações, os espaços públicos de saúde ficaram suspensos por 45 dias. Em média, a cada 9 dias, uma pessoa morreu devido à intervenção policial na Maré em 2017. Nesse mesmo ano, 57 pessoas ficaram feridas, sendo que 41 foram feridas em operações policiais e 16 em confrontos entre grupos armados.

O terceiro boletim (REDES DA MARÉ, 2018) destacou que em 2018 ocorreram 16 operações policiais na Maré, sendo que seis delas tiveram uma duração superior a 10 horas. Durante essas operações, as atividades nos espaços públicos de educação foram suspensas por 10 dias, enquanto nos equipamentos de saúde foram suspensas por 11 dias. No mesmo ano, foram registradas 24 mortes devido a confrontos armados, sendo 19 em operações policiais e 5 em confrontos entre grupos armados. Em média, a cada 19 dias de 2018, uma pessoa morreu devido à intervenção policial na Maré. Esses dados revelam que, a cada operação policial na Maré, uma pessoa veio a óbito.

Na edição de 2018 do boletim, dois pontos relevantes merecem destaque: o impacto das intervenções federais na segurança pública e o perfil racial das vítimas. No que se refere ao primeiro item, dos homicídios ocorridos em 2018, 42% ocorreram em operações com a presença das Forças Armadas.

De acordo com dados do Atlas da Violência de 2018, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança, a maioria das vítimas de morte violenta por arma de fogo são homens (94,6%), principalmente com idades entre 15 e 25 anos. Além disso, ao analisar casos de mortes decorrentes da violência, o Anuário Brasileiro de Segurança destaca que 76% das vítimas de homicídios são negras (pretas e pardas).

Essa tendência é reproduzida na Maré. Conforme apontado pelo Boletim de 2018, a maioria dos óbitos em confrontos armados envolve adolescentes e jovens negros, com idades entre 13 e 29 anos. Ao longo do ano de 2018, 72% das vítimas nos conflitos nas favelas da Maré estavam nessa faixa etária, sendo 96% do sexo masculino e 78% autodeclarados negros. Esses números refletem a tendência nacional, onde o índice de pessoas negras assassinadas é consideravelmente mais alto do que o de pessoas não negras.

O quarto boletim (REDES DA MARÉ, 2019) destacou que em 2019 ocorreram 39 operações policiais, equivalendo a uma operação a cada 9,4 dias e totalizando quase 300 horas de incursões policiais. No mesmo período, 45 pessoas foram feridas por armas de fogo, sendo 30 em operações policiais e 15 em ações dos grupos armados. Houve 49 mortes por confrontos armados, sendo 34 em operações policiais e 15 em confrontos armados. A cada 7 dias, uma pessoa veio a óbito na Maré em decorrência da violência.

Conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública referentes ao ano de 2018, cerca de 11 em cada 100 mortes violentas no Brasil foram ocasionadas por intervenção policial. O perfil das vítimas revela que 99,3% eram do sexo masculino, 77,9% estavam na faixa etária entre 15 e 29 anos, e 75,4% eram pretos ou pardos. Nas favelas da Maré, a letalidade é ainda mais expressiva entre homens jovens pretos ou pardos, quando comparada à média nacional. Aproximadamente 94% das vítimas de letalidade violenta eram do sexo masculino, 96% foram identificadas como negras, e 85% estavam na faixa etária entre 15 e 29 anos.

Ao analisar especificamente a letalidade violenta por intervenção policial em 2019, é notável que 100% das vítimas foram identificadas como pardas ou pretas. Isso aponta para a ausência de vítimas brancas em operações policiais na Maré durante o ano de 2019. Esse dado é significativo, ressaltando que essa parcela específica da população é a mais afetada pela violência policial, evidenciando um claro componente racial nos números.

O quinto boletim (REDES DA MARÉ, 2020) revela que em 2020 houve 16 operações policiais, representando uma redução significativa de 59% em relação ao ano de 2019. Essa diminuição é atribuída principalmente à determinação do STF em liminar à ADPF 635, que visa reduzir a letalidade policial no Rio de Janeiro. No mesmo período, 26 pessoas

LETALIDADE NAS FAVELAS DA MARÉ

94%

das vítimas de
letalidade violenta eram
do sexo masculino

96%

foram identificadas
como negras

85%

estavam na faixa etária
entre 15 e 29 anos.



foram feridas por armas de fogo, sendo 17 em operações policiais e 9 em ações de grupos armados. Registraram-se 19 mortes por armas de fogo, sendo 5 delas decorrentes de ações do Estado. Vale ressaltar que 2020 foi marcado pelo início da pandemia de COVID-19.

Em 2020, dos feridos por armas de fogo, apenas 1 era identificado como branco, enquanto todos os demais eram pretos ou pardos. Além disso, todas as vítimas fatais em confrontos na Maré durante esse ano eram jovens e negras, com a maioria na faixa etária de 20 a 24 anos. Esse dado destaca a clara dimensão racial nas estatísticas, evidenciando a vulnerabilidade desproporcional da população negra às situações de violência.

No ano de 2021, o sexto boletim (REDES DA MARÉ, 2021) revelou que ocorreram 20 operações policiais, sendo que 60% delas se concentraram na favela Marcílio Dias. Nesse mesmo período, foram registradas 22 mortes por armas de fogo, representando mais que o dobro em comparação com o ano anterior, que contabilizou 5 óbitos em 2020. Esse aumento nos números de mortes por intervenção do Estado evidencia um cenário preocupante de violência persistente na Maré.

Em 2021, o projeto “De Olho na Maré!” monitorou as atividades policiais na Maré, analisando três categorias distintas de ações e seus respectivos impactos: operações policiais planejadas, operações policiais emergenciais e outras atividades policiais. Nesse período, foram identificadas 11 operações policiais planejadas, 9 operações policiais emergenciais e 3 outras ações da polícia. Em comparação com o ano de 2020, observou-se um aumento de 25% no número total de operações policiais, passando de 16 para 20. Além disso, registrou-se um aumento significativo de 120% no número de mortes, subindo de 5 em 2020 para 11 em 2021. Esse cenário evidencia a persistência da violência na Maré, destacando a necessidade urgente de revisão e reformulação das práticas de segurança na região.

Ainda ao longo de 2021, foram registrados 44 incidentes de disparos de arma de fogo, incluindo 8 casos com vítimas, 15 confrontos entre grupos armados e 6 outras ações realizadas por esses grupos. Essas atividades apresentaram uma distribuição constante ao longo do ano, com uma média estável, exceto por alguns meses que registraram um aumento significativo. Essa dinâmica resultou em um total

de 11 mortes e 10 feridos, além de outras violações. Em comparação com o ano de 2020, houve uma redução de 30% nos registros de disparos de arma de fogo e uma queda de 43% nos confrontos entre grupos armados. Essa análise destaca nuances nas tendências de violência, apontando para áreas de melhoria ou potenciais desafios a serem abordados.

Em 2022, a Redes da Maré também apresentou o Boletim de Monitoramento e Enfrentamento às Violências na Maré (REDES DA MARÉ, 2021), mapeando diversas formas de violência. A importância dessa análise ampla reside na compreensão das dinâmicas que geram violações de direitos no cotidiano dos moradores da Maré. De acordo com esta pesquisa, entre julho de 2021 e junho de 2022, os grupos que mais sofreram violências foram:



Mulheres vítimas de violência baseada em gênero:
41% das vítimas.



Homens negros:
22%



Pessoas em situação de rua:
12%



Crianças e adolescentes
5%



Pessoas com deficiência ou sofrimento psíquico:
5%



Pessoas LGBTQIA+:
2%

Os tipos de violência mais observados foram predominantemente: violência física (71%), violência psicológica (66%), patrimonial (38%) e sexual (14%).

No que diz respeito aos agentes de violência, observou-se a seguinte distribuição: 29% das pessoas foram violentadas por familiares, vizinhos ou pessoas próximas; 27% das pessoas foram violentadas por agentes de segurança pública; 22% das pessoas foram violentadas por grupos armados; 13% foram violentadas por companheiro ou ex-companheiro; 7% das pessoas foram violentadas por pessoas desconhecidas; 2% foram autoagressões.

No período de julho de 2021 a junho de 2022, considerando a raça das vítimas de violência atendidas pela Redes da Maré, os números absolutos são os seguintes: 34 eram brancas; 84 eram pardas; 124 eram pretas; 21 não informaram cor ou raça.

O sétimo Boletim “Direito à Segurança Pública na Maré” (REDES DA MARÉ, 2022), lançado em 2023 e analisando os dados de 2022, revelou que durante esse ano houve 27 operações policiais. Registraram-se 8 conflitos entre grupos armados. Foram contabilizados 7 registros de tiros com vítimas e 80 registros de tiros pontuais. No total, 39 pessoas perderam a vida em decorrência da violência armada. Dessas, 27 mortes ocorreram no contexto de operações policiais, sendo que 24 delas apresentaram indícios de execução.

Em 2021, o Instituto “Sou da Paz” divulgou um relatório que destacou que a taxa de homicídios por 100 mil habitantes foi 3,5 vezes maior para homens negros em comparação com não negros ao longo de 2020. Ao analisarmos os dados de homicídios nas favelas da Maré, percebemos que a situação não difere do panorama nacional em relação às mortes por arma de fogo. Em 2022, o projeto “De Olho na Maré!” registrou 39 mortes resultantes da violência armada, sendo 27 delas durante operações policiais e 12 em ações de grupos armados. Entre as vítimas, 97% eram do sexo masculino, 81% foram identificadas como pretas ou pardas, e 61% tinham até 29 anos.

Os dados do projeto “De Olho na Maré!” possibilitam uma análise comparativa das violências na Maré e não deixam dúvidas de que as principais vítimas de violência, especialmente a decorrente de armas de fogo, são jovens homens negros. Esses números evidenciam a urgência de estratégias específicas para combater essa realidade e promover a segurança e o bem-estar dessa parcela da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REDES DA MARÉ. **Boletim de monitoramento e enfrentamento à violência na Maré**. Boletim. 1ª ed., 2021a. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RdM_Boletim_Monitoramento.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

_____. **Direito à Segurança Pública na Maré**. Boletim. 1ª ed., 2016. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/BoletimSegPublica.pdf>>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

_____. **Direito à Segurança Pública na Maré**. Boletim. 3ª ed., 2018. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/BoletimSegPublica2018.final.pdf>>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

_____. **Direito à Segurança Pública na Maré**. Boletim. 4ª ed., 2019. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/BoletimSegPublica_2019.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

_____. **Direito à Segurança Pública na Maré**. Boletim. 5ª ed., 2020. Disponível em: <<https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/Boletim-Direito-Seguranca-Publ.pdf>>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

_____. **Direito à Segurança Pública na Maré**. Boletim. 6ª ed., 2021. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/06E2021_segpub.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

_____. **Direito à Segurança Pública na Maré**. Boletim. 7ª ed., 2022. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/RdM_Boletim_direito_SegPubli23.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados presentes no terceiro caderno da série “Identidades e Racialidades na Maré” permitem traçar caminhos iniciais na construção de um panorama das condições de vida da população negra na Maré.

O Conjunto de Favelas da Maré, no Rio de Janeiro, é predominantemente um território negro. De acordo com o Censo Maré, 62,1% da população se autodeclara negra (preta ou parda). Quando somamos o quantitativo de pessoas pretas e pardas por favela, aquelas que possuem maior concentração de pessoas negras são: Parque Roquete Pinto (70,5%); Nova Holanda (68,6%); Vila dos Pinheiros (66,2%); Salsa e Merengue (66,2%) e Praia de Ramos (66,2%).

A população negra na Maré é composta por pessoas de todas as faixas etárias. Na faixa de 0 a 14 anos, 61,2% das pessoas se autodeclararam negras. Na faixa de 15 a 29 anos, esse percentual é de 62,8%. Na faixa de 30 a 59 anos, é de 62,5%. E na faixa de 60 anos ou mais, é de 59,5%.

De acordo com o Censo Maré, 62,1% das mulheres da Maré se autodeclararam negras (pretas ou pardas). Entre os homens, esse percentual é de 63%. Assim, a população negra é maioria entre homens e mulheres na Maré. No entanto, há uma diferença de 1% entre os gêneros. As mulheres negras são um pouco menos numerosas do que os homens negros.

Os dados apresentados também permitem inferir que entre as crianças e jovens fora da escola há uma incidência maior de pessoas negras. É importante destacar que a pandemia trouxe impactos profundos nos processos educativos das crianças da Maré, em especial as pretas e pardas. Com base na amostra da pesquisa “Primeira Infância nas Favelas da Maré: Acesso a Direitos e Práticas de Cuidado”, observa-se que as responsabilidades de cuidado para crianças na primeira infância têm sido predominantemente assumidas por mulheres negras, representando 74,4% de acordo com os dados da pesquisa.

No campo da saúde mental, os dados revelam que a violência armada afeta de forma desproporcional as mulheres e as pessoas negras. Entre aqueles que presenciaram tiroteios, 47% eram mulheres e

46% eram negros (pretos e pardos). Essas pessoas apresentam sinais recorrentes de sofrimento e ansiedade. Além disso, as pessoas negras foram percebidas como a maioria nas cenas de uso de drogas e nas situações de insegurança alimentar na Maré. Quanto à saúde e ao racismo ambiental, é importante destacar que, sendo um território negro, a Maré tem observado índices de calor e qualidade do ar que não são ideais para o bem-estar da população.

Os negros e negras também são maioria quando observamos artistas e produtores culturais no Conjunto de Favelas da Maré. No entanto, desde que a Redes da Maré iniciou o mapeamento “De Olho na Maré”, as principais vítimas da violência armada também eram negras.

Desta forma, podemos reforçar a tese de que a Maré está inserida num tempo-espaço marcado por práticas de cultura e sociabilidade que emergem de epistemologias negras. Podemos também perceber que o racismo, a violência policial, a insegurança alimentar e outras violações tendem a afetar mais pessoas negras do que brancas. Esses apontamentos endossam a necessidade de políticas públicas que garantam a dignidade e uma vida plena em direitos para pessoas negras na Maré e em outras favelas.

FICHA TÉCNICA

EQUIPE CASA PRETA DA MARÉ

ORGANIZAÇÃO: Associação Redes de Desenvolvimento da Maré

ACOMPANHAMENTO INSTITUCIONAL DO EIXO ARTE, CULTURA, MEMÓRIAS E IDENTIDADES: Eliana Sousa Silva e Máira Gabriel Anhorn

COORDENAÇÃO DO EIXO ARTE, CULTURA, MEMÓRIAS E IDENTIDADES: Pâmela Carvalho e Marcos Diniz

COORDENAÇÃO CASA PRETA DA MARÉ: Carlos André Nascimento e Fernanda Viana

CAPTAÇÃO DE RECURSOS E RELACIONAMENTO INSTITUCIONAL: Máira Spilak

GESTÃO FINANCEIRA: Sandra Ciqueira

JURÍDICO: Nubia Alves

EDUCADORA SÊNIOR CASA PRETA DA MARÉ: Millena Ventura

EDUCADOR CASA PRETA DA MARÉ: Tiago Blanc

MOBILIZADOR CASA PRETA DA MARÉ: David Alves

PRODUTOR CASA PRETA DA MARÉ: Rodrigo Almeida

SECRETARIA CASA PRETA DA MARÉ: Ludmylla Braga

EXPEDIENTE

ORGANIZAÇÃO DA PUBLICAÇÃO: Pâmela Carvalho

PESQUISA E SISTEMATIZAÇÃO DO CONTEÚDO: Pâmela Carvalho

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Pâmela Carvalho

REVISÃO: Maria Aline Sabino / Negra Saberes

COORDENAÇÃO DO SETOR COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL: Geisa Lino

PROJETO GRÁFICO: Juliana Barbosa, Thais Oliveira e Adriana Reis

DIAGRAMAÇÃO: Adriana Reis

PRODUÇÃO: Bia Policicchio

redes da maje

PATROCÍNIO:



Lei de
Incentivo
à Cultura
Lei Rouanet



INSTITUTO
CULTURAL
VALE



banco



btgpactual

Deloitte.



Rio
PREFEITURA

REALIZAÇÃO:



redes
da
maje

MINISTÉRIO DA
CULTURA



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO